

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos
(Organizador)

INNOVACIÓN Y CIENCIA EN

**LINGÜÍSTICA,
LETRAS Y
ARTES**

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos
(Organizador)

INNOVACIÓN Y CIENCIA EN

**LINGÜÍSTICA,
LETRAS Y
ARTES**

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo



Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo,

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia



Inovação y ciencia en lingüística, letras y artes

Diagramação: Daphynny Pamplona
Correção: Mariane Aparecida Freitas
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizador: Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

I58 Inovação y ciencia en lingüística, letras y artes /
Organizador Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos. –
Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-65-258-0256-5
DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.565222405>

1. Linguística. 2. Letras. 3. Artes. I. Vasconcelos,
Adaylson Wagner Sousa de (Organizador). II. Título.

CDD 410

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br



DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



APRESENTAÇÃO

Em **INNOVACIÓN Y CIENCIA EN LINGÜÍSTICA, LETRAS Y ARTES**, coletânea de quatro capítulos que une pesquisadores de diversas instituições, congregamos discussões e temáticas que circundam a grande área de Linguística, Letras e Artes e dos diálogos possíveis de serem realizados com as demais áreas do saber.





Temos, no presente volume, reflexões que explicitam essas interações. Nelas estão debates que circundam leitura, infância, literatura infantil e juvenil, cronotopo, geoliteratura, literatura clássica, trágico e *Iliada*.

Assim sendo, convidamos todos os leitores para exercitar diálogos com os estudos aqui contemplados.

Tenham proveitosas leituras!

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
MOCHILAS PARA LA PAZ: UNA ESTRATEGIA DE ANIMACIÓN ITINERANTE DE LECTURA EN ZONAS DE POST ACUERDO EN COLOMBIA	
Mayra Ricardo Zuluaga	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.5652224051	
CAPÍTULO 2	12
ALGUNAS DISQUISICIONES SOBRE EL LIBRO-ÁLBUM DE “TRISTÁN E ISEO” DE BÉATRICE FONTANEI	
Alfredo Eduardo Fredericksen Neira	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.5652224052	
CAPÍTULO 3	29
VILLANUEVA DE LOS INFANTES COMO CRONOTOPO. NUEVAS PERSPECTIVAS PARA LA NOVELA DE LAS PERSPECTIVAS	
Ángela Pérez Castañera	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.5652224053	
CAPÍTULO 4	37
CANTO XVI: PÁTROCLO E A QUESTÃO DO TRÁGICO NA ÍLIADA	
Sayonara Souza da Costa	
Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.5652224054	
SOBRE O ORGANIZADOR	46
ÍNDICE REMISSIVO	47

CAPÍTULO 3

VILLANUEVA DE LOS INFANTES COMO CRONOTOPO. NUEVAS PERSPECTIVAS PARA LA NOVELA DE LAS PERSPECTIVAS

Data de aceite: 01/05/2022

Ángela Pérez Castañera

Profesora I.E.S. Luis de Morales. Programa de Doctorado UEX

RESUMEN: Ante la novedad de la hipótesis planteada por el equipo del profesor Parra Luna de que Villanueva de los Infantes sea el “lugar de la Mancha” del que el narrador del *Quijote* no quiso acordarse, quizás la crítica literaria en general no ha reaccionado como cabría esperar al desestimar las nuevas vías de investigación que podrían abrirse por este hecho. Por ello propongo un análisis literario que tome como central dicha hipótesis basándome en los principales estudios sobre el espacio en relación a la crítica literaria, como es el caso de la propuesta de Bajtin en su teoría del *Cronotopo*, que tan buenos –y sorprendentes– resultados ha dado.

PALABRAS CLAVE: Topoanálisis, cronotopo, heterotopía, geoliteratura, geopoética.

ABSTRACT: Normally, perhaves literary critics haven't been enough diligent disdaining the hypothesis that was set out by proffesor Parra Luna's team about Villanueva de los Infantes is “the place of the Mancha” from whom Quijote's narrator did not want to remember, because it could open new ways for investigations. Therefore, I propose a literary analysis starting with this hypothesis and based on main studies about space in relation to literary criticism, as

Bajtin's Cronotopo theory, which have given good and surpising results.

KEYWORDS: Topoanalysis, chronotope, heterotopia, geocriticism, geopoeity.

Ante la novedad de la hipótesis de que Villanueva de los Infantes sea el “lugar de la Mancha” del que el narrador del *Quijote* no quiso acordarse, quizás la crítica literaria en general no esté siendo lo suficientemente cuidadosa al soslayar las nuevas vías que la asunción definitiva de ese hecho puede abrir en la investigación de una novela de la que parece que ya estuviera todo dicho; aunque, al mismo tiempo, la propia crítica incida habitualmente en que uno de los factores que hace de *El ingenioso hidalgo Don Quijote de la Mancha* una obra extraordinaria es que se trata de una fuente inagotable de la que seguir aprendiendo y disfrutando. Por ello, considero que el tomar como pueblo de Don Quijote y Sancho Panza a Villanueva de los Infantes constituye un punto de partida analítico fecundo, plausible y más que razonable, sustentado por investigaciones científicas realizadas por el Dr. Parra Luna y su equipo multidisciplinar que vale la pena explorar, si bien trataré de plantear que éstas son válidas por sí mismas y que no conviene mezclar argumentos científicos con otros de carácter literario que pertenecen al ámbito de la crítica, que también es una ciencia y tiene su propia metodología, y que pueden enriquecer

los otros.

Por más que Don Quijote y Sancho Panza se presenten ante el lector contemporáneo como personajes reales y conozcamos más de ellos que del propio Cervantes, el *Quijote* es una novela, es ficción, nunca una crónica. Parece una evidencia pero siempre ha de ser el punto de partida para no confundir los términos. No podemos caer en la tentación de equivocarnos realidad y ficción con mimesis realista o fantástica, y menos aún en un autor cuya modernidad radica precisamente en crear un juego especular de remedio. El hecho de que Cervantes incluyera en la novela lugares o elementos que se llamaban como en el mundo real, debe ser interpretado en este contexto, de lo contrario nos perderemos en su laberinto.

En el mismo sentido ha de interpretarse el narrador. La voz narrativa no es única como nada lo es en esta novela. Cervantes entrega este lugar a un narrador que podríamos llamar “marco” y es el que maneja toda la historia, pero en ocasiones cede la palabra a otros, como es el caso de Cide Hamete –recurso que se inserta en una larga tradición literaria- o de los sucesivos narradores de las llamadas historias intercaladas.

Sobre estas premisas propondré un análisis literario que tome como central el hecho de que Villanueva de los Infantes sea el lugar de la Mancha a la luz de las principales teorías sobre el espacio. Para ello, repasaremos las teorías que más podrían adecuarse para aplicarlas al tema de Villanueva de los Infantes como lugar de la Mancha.

A lo largo del siglo XX ha aumentado progresivamente el interés por el estudio del tiempo y el espacio en el hecho literario. Es más, podría decirse que se ha producido un cambio cualitativo dado que tradicionalmente estos parámetros se analizaban de forma secundaria o anecdótica en los estudios literarios. La diferencia radica en que cada vez más frecuentemente se ha ido poniendo el foco en estas variables. Ahora bien, se puede constatar una diferencia entre ambos: si el estudio del tiempo -tanto de la época en la que se enmarca una obra determinada como el tiempo narrativo dentro de ella- ha sido un clásico objeto de estudio, no sucede lo mismo con el espacio. Hubo que esperar hasta la segunda mitad del siglo XX para encontrar una obra destacada que tomara como eje central al espacio.

De este modo, el primer gran trabajo de referencia obligada es el de Gastón Bachelard con su noción de *topoanálisis* influida por los arquetipos de Carl Gustav Jung, fundador de la psicología analítica. El topoanálisis planteaba “el estudio psicológico y sistemático de los parajes de nuestra vida íntima” (Bachelard 1965) mediante la imagen de la casa como metáfora de nuestro ser más recóndito. Se trata de un intento de acercarse a la relación entre el hombre y el mundo, vínculo sutil y tan intangible. La originalidad de su propuesta reside en que dota a algo tan etéreo de consistencia al situarlo en el espacio y así convertir en central la imagen del lugar.

La segunda obra que constituye un hito en el nuevo campo de estudio es la de Mijaíl Bajtin. En ella plantea la categoría de *cronotopo*, que será un concepto fundamental para

el desarrollo de la narratología. Según este autor, *“en el cronotopo artístico literario tiene lugar la unión de los elementos espaciales y temporales en un todo inteligible y concreto. El tiempo se condensa aquí, se comprime, se convierte en visible desde el punto de vista artístico; y el espacio, a su vez, se intensifica, penetra en el movimiento del tiempo, del argumento, de la historia. Los elementos del tiempo se revelan en el espacio, y el espacio es entendido y medido a través del tiempo”* (Bajtín 1989, p. 237).

Con este nuevo punto de vista, el espacio y el tiempo no solo se convierten en los transmisores de la narración, dejando de ser un mero marco, es que además el tiempo se materializa en el espacio y de este modo se revela toda una visión de mundo.

Ya a finales de los 60 Foucault caracterizaba la época actual como espacial, la de lo simultáneo o lo disperso, en la que se entiende la vida más como un conjunto de redes que se relacionan que como una trayectoria temporal. De una manera muy gráfica sitúa el germen de los conflictos ideológicos actuales “entre los piadosos descendientes del tiempo y los habitantes encarnizados del espacio” (Foucault 1967). Foucault diferenciaba dos tipos de espacios: las utopías, representaciones idealizadas o deformadas –lo que hoy se conoce como distopía- de espacios reales, pero en todo caso que no existen; y heterotopías, “lugares reales, lugares efectivos, lugares que están diseñados en la institución misma de la sociedad, que son especies de contra-emplazamientos, especies de utopías efectivamente realizadas en las cuales los emplazamientos reales, todos los otros emplazamientos reales que se pueden encontrar en el interior de la cultura están a la vez representados, cuestionados e invertidos, especies de lugares que están fuera de todos los lugares, aunque sean sin embargo efectivamente localizables” (Foucault 1967, p.3). Pues bien, entre uno y otro, se encuentra el espejo, que es una utopía porque es un lugar sin lugar; pero también es una heterotopía por dos razones: la primera es que él mismo tiene consistencia física en la realidad; y la segunda porque de algún modo devuelve un espacio real con efecto retorno. El autor propone este concepto como herramienta de análisis sistemático de estos espacios diferentes, estos otros lugares, “algo así como una polémica a la vez mítica y real del espacio en que vivimos; esta descripción podría llamarse la heterotopología”.

En los últimos tiempos los estudios que ponen el acento en la espacialidad han ido en aumento como consecuencia, opina Cabo Aseguinolaza de “la crisis de la temporalidad continua y homogénea” (Cabo Aseguinolaza 2004, p. 23). El estudio de la cuestión del espacio ha empezado a desarrollarse en varios sentidos. Por lo que aquí interesa, señalaré dos de ellos. El primero es que los proyectos historiográficos tradicionales (clásicos), que están estructurados según la concepción del tiempo histórico, se van abandonando para fijarse en el espacio, unido frecuentemente a la geografía, se tiende a una definición del objeto de la historia desde una perspectiva geográfica (geoliteraria). Es evidente que desde hace tiempo se sabe que para contar una historia primero hay que situarla en un lugar que a veces incluso llega a cobrar una importancia fundamental en la obra. En segundo lugar,

se plantean modelos teóricos y epistemológicos en los que la espacialidad prima sobre la temporalidad (categorías como campo o sistema literario). Advierte el autor de que a pesar del cambio, todavía se está iniciando el proceso y a menudo no lleva acompañada reflexión teórica.

Esta situación en la que el espacio cobra protagonismo no es privativa del ámbito literario sino que se trata de un giro epistemológico conocido como giro espacial -"aspecto crucial de la posmodernidad para un posible arte capaz de reconfigurar la situación mundial del capitalismo avanzado" (Cabo Aseguinolaza 2004, p.40).

Además, en el imaginario teórico está siendo muy importante esta reconceptualización para "el estudio de las identidades culturales". Todo esto se refleja en la proliferación de metáforas espaciales en el lenguaje teórico.

Piatti y Hurni en un interesante estudio plantean como nuevas vías de investigación la Geopoética, mediante la cual se propone la confluencia del elemento exterior de la realidad con el elemento literario. Aunque ya no quedan tierras por descubrir, la geopoética propone una nueva forma de mirar. En un mundo en el que todo se cartografía, los mapas representan, "se parece" pero no "es". También el elemento geosimbólico o imaginario geográfico, que parece rescatar la línea que emprendió Bachelard.

Todos los autores que trabajan en la Geografía literaria coinciden en que una nueva perspectiva espacial en la historiografía literaria parece posible, pero hay que profundizar en el qué y el porqué.

Uno de los autores más interesante es el francés Lefebvre, quien en su obra *La producción del espacio* plantea el tema de las diferentes *representaciones del espacio*, en relación con la elaboración discursiva y ordenación del ámbito espacial, que vendría a ser cómo "nos contamos" el espacio a nosotros mismos.

De referencia obligada en el estudio del tema del espacio en general y de la cartografía en particular es Franco Moretti, especialmente en su obra de 2007 *Graphs, maps, trees. Abstract Models for Literary History*. Se trata de un autor muy citado, especialmente en lo que respecta a sus ejemplos sobre las posibilidades que ofrecen los mapas literarios, no como meras ilustraciones sino como método científico de estudio de la historia de la literatura, que sirva para enfocarla desde una nueva perspectiva. Incluso llega a afirmar que la geografía es la que genera literatura, lo que para algunos críticos es llevar su tesis al extremo.

Moretti pone un ejemplo en el que la perspectiva cambia al hacer un mapa del lugar en *Our Village*, de Mary Mitford, parecido a lo que ocurre en *El Quijote*. Al hacer el mapa, el pueblo donde vive la protagonista aparece en el centro geográfico de la zona a diferencia de lo que se pensaba hasta ese momento, por lo que se descubre que el espacio narrativo de la obra no es lineal sino circular, algo sorprendente pues nunca se había analizado la obra desde ese punto de vista.

En el caso del ejemplo propuesto por Moretti, detrás de esta confrontación, "sistema

de geografía circular o lineal”, subyace una dramática transformación del espacio rural. Mitford abre con una perspectiva lineal y cambia a una circular variando así el sentido de la historia. De este modo consigue que sus lectores urbanos miren el mundo según el antiguo punto de vista de pueblo no-encerrado. Como resultado se construye el cronotopo y, advierte Moretti, el mapa no es una explicación pero al menos muestra que hay que explicar algo.

De entre otros autores que estudian el espacio en la literatura, no podemos dejar de tener en cuenta las consideraciones de Michel Butor sobre el tema en *L'espace du roman*. Al abordar el estudio de una novela hay que precisar cómo el espacio que se va a desplegar ante nosotros se inserta en el espacio real donde aparece. Al igual que en la organización de la duración en el interior de un relato o de una composición musical no se puede obviar el tiempo en la lectura o escucha, las relaciones espaciales entre los personajes o las aventuras que se cuentan nos alcanzan por la intercesión de una distancia que tomamos por la relación con el lugar que nos rodea.

Así, cuando se lee una descripción de un lugar, lo que está ante los ojos se aleja y aparece lo que surge de los signos escritos en la página. El lugar novelesco es entonces una particularización de un “en otra parte” complementario del lugar real donde está evocado metafóricamente esta distancia entre lugar de lectura y aquel donde nos lleva el relato. El resultado es que la distancia novelesca no es solamente una evasión, sino que puede introducir modificaciones en el espacio vivido. El espacio vivido no lo componen únicamente partes, sino que todo lugar es el vestíbulo de un horizonte de otros lugares, el punto de origen de una serie de trayectos posibles (por ejemplo en una ciudad están presentes otras: carteles indicadores, mapas, imágenes, el cine o las novelas). La presencia del resto del mundo tiene una estructura particular para cada lugar.

Todas las teorías aquí expuestas ofrecen interesantes caminos para abordar el tema del espacio desde diferentes prismas, como decíamos. Así, por empezar en orden cronológico según lo expuesto, la metáfora de Bachelard sobre la casa como representación íntima del individuo y su relación con la dimensión social, que sería todo lo que hay en el exterior, resulta esclarecedora si ponemos el acento en lo que representa para Don Quijote su casa, su pueblo. Mientras se ha tratado ampliamente el tema del viaje en la novela, pocas veces se menciona por parte de la crítica algún apunte acerca del lugar donde Don Quijote parece haber permanecido toda su vida hasta el momento en el que empieza la narración. Si bien es cierto que el tiempo narrativo en el que permanece en él es corto en comparación con el tiempo del viaje, no lo es menos que el lugar marca profundamente la historia y a su personaje. Don Quijote vive encerrado en su casa –o eso parece en el momento justo que empieza la narración del mismo modo que vive encerrado en sí mismo, con la única compañía íntima de sus lecturas caballerescas. Cuando decide salir de su casa a recorrer mundo, lo hace unido indisolublemente a dar el paso de salir de sí mismo y relacionarse con el otro para mejorar su vida. Su objetivo es ayudar a “desfacer entuertos”

y lograr así un mundo mejor para los demás y un mérito para sí mismo. Por tanto, aplicando la teoría del topoanálisis de Bachelard, podríamos analizar al personaje con nuevos puntos de vista.

Cercana a esta teoría, se presenta la de Bajtin esbozada más arriba en relación al *Quijote*. Tradicionalmente se considera que la aplicación del *cronotopo* a la novela picaresca o al *Quijote* ha de plantearse en el camino o en la venta. El tiempo se diluye en el camino y fluye en él, las coordenadas temporales se difuminan creando una metáfora de la travesía. Además, en el *Quijote* la imprecisión calculada afecta a ambos parámetros desde las primeras líneas (“En un lugar de la Mancha/ no ha mucho tiempo”). Pero ¿por qué no podría aplicarse la teoría del cronotopo al lugar del que parten y al que regresan por tres veces los protagonistas, y en el que suceden los hechos más importantes, aunque el tiempo narrativo sea breve? No en vano, si el propio Cervantes quiso empezar la novela aludiendo al lugar y al tiempo con la frase probablemente más célebre de la literatura, por algo será.

Pero no es solo eso. Como decía respecto al topoanálisis aplicado a la novela, el espacio del pueblo resulta fundamental en la obra, aunque el tiempo narrativo sea breve. Y lo es en sí mismo y en relación al tiempo, que es justamente la conexión que establece el cronotopo. La casa del protagonista, el pueblo del que parte, cobra una nueva dimensión ahora porque marca los tiempos de la novela como si de tercios se tratase, en una suerte de ritual que se cumple como una danza orquestada. Aunque el grueso de los hechos suceden fuera, allí suceden los más importantes: allí se forja su personalidad, allí enloquece, allí regresa derrotado, vuelve a partir con nuevos bríos; retorna y parte de nuevo y allí recobrará la cordura y le llegará la muerte. Desde esta óptica lo demás podría incluso parecer relleno, un mero tránsito en lo importante de la vida íntima del hidalgo: lo demás sería solo una faceta social que ha probado por un tiempo.

Respecto a las teorías de Foucault, considero que el filósofo francés proporciona una base teórica muy interesante para analizar el espacio en el *Quijote* desde otro punto de vista. La heterotopía dota de una o varias funciones al lugar. El pueblo de Don Quijote sirve para organizar el espacio-tiempo de la novela –como ya insinuábamos con la noción de cronotopo–, que consiste en un interminable viaje con paradas cuyos tiempos vienen marcados por el regreso al pueblo. Por otra parte, el pueblo es al mismo tiempo encierro y cobijo para el protagonista, que ansía salir del aislamiento físico y mental que le supone el lugar de la Mancha y abandonar el ambiente cerrado y opresivo para irse a recorrer mundo y desfacer entuertos; pero también le cobija de las inclemencias del exterior en cada uno de sus retornos. Así, el pueblo se convierte en “un lugar sin lugar que vive por él mismo, que está encerrado sobre sí”. Desde esta perspectiva, en el *Quijote* se plantea una dialéctica entre el espacio de adentro frente al de afuera, lo cerrado en oposición a los emplazamientos que pasan –y que les pasan– hilvanados por el viaje sobre sendos animales, creándose una red de relaciones entre los hitos o paradas del viaje que dibujan

una figura para siempre retornar al mismo lugar.

Los conceptos de Piatti y Hurni de geopoética y el elemento geosimbólico o imaginario geográfico me parecen interesantes para explorar nuevos enfoques y puntos de vista en el estudio del Quijote a la luz del descubrimiento de Villanueva de los Infantes como lugar de la Mancha. Una cartografía lo más exacta posible del pueblo de salida y destino de Don Quijote y Sancho Panza, donde nace, enloquece y muere, regresa vencido pero no derrotado, puede arrojar luz al estudio de la obra, revelar aspectos escondidos que ahora se harían visibles poniendo el foco en el espacio e iniciando un diálogo entre el espacio real, ahora ya sí, definido a la perfección, y el espacio literario que habitan sus páginas.

Podríamos, también, preguntarnos con Lefebvre cómo se contó Don Quijote a sí mismo el lugar donde nació y vivió casi toda su vida a excepción de sus tres salidas y volvió para morir cuerdo, resultaría interesante rastrear esos vestigios en la obra situando su hogar en Villanueva de los Infantes.

Por otra parte, el ejemplo de Moretti que he seleccionado me resulta parecido al del Quijote pues si hacemos un mapa se pone de manifiesto con Villanueva de los Infantes emergería de repente en el centro de la Mancha ante nuestros ojos. ¿Podríamos aplicar esta explicación al Quijote? Es una opinión, pero teniendo en cuenta el profundo conocimiento de Cervantes de los lugares y sus gentes, de la literatura, los lectores, y su afán por cambiarles el punto de vista permanentemente, no resulta descabellado.

Por último, considerando las teorías de Butor, en *El Quijote* hay alusiones concretas al entorno del pueblo de origen cuyo nombre no se precisa, como El Toboso o Puerto Lápice, lo que supone que Cervantes crea de manera consciente una red sistémica, la Mancha imaginaria en último extremo, reflejo de la real, en cuyo centro se encuentra Villanueva de los Infantes.

He tratado de apuntar posibles vías en la investigación de esta novela tan estudiada pero que parece no agotarse nunca, teniendo en cuenta los últimos descubrimientos respecto al lugar de la Mancha a la luz de las recientes y pujantes teorías que se centran en el espacio. Parece, pues, que aún quedan nuevas perspectivas que tomar en la novela de las perspectivas. O, tratando de seguir los pasos de Cervantes, eso me gusta imaginarme.

REFERENCIAS

BACHELARD, GASTON. 1965. *La poética del espacio*. Fondo de cultura económica de España, Madrid.

BAJTÍN, MIJAÍL. 1980. *Teoría y estética de la novela*. Taurus, Madrid.

BUTOR, MICHEL. 1964. *L'espace du roman*. Répertoire II, Minuit, Paris.

CABO ASEGUINOLAZA, FERNANDO. 2004. *El giro espacial en la historiografía literaria en Bases metodológicas para unha historia comparada das literaturas na península Ibérica*. Coord. Anxo Tarrío Varela y Ángel Abuín González. Editado por la Universidad de Santiago de Compostela, Santiago de Compostela (págs. 21-43).

DEFFIS DE CALVO, EMILIA I. 1990. "El cronotopo en la novela española de peregrinación: Miguel de Cervantes" en *Anales Cervantinos*, nº 28, pp. 99-106.

FOUCAULT, MICHEL. 1984. De los espacios otros "Des espaces autres", Conferencia dictada en el Cercle des études architecturales, 14 de marzo de 1967, publicada en *Architecture, Mouvement, Continuité*, nº 5, octubre. Traducida por Pablo Blitstein y Tadeo Lima.

GONZÁLEZ GANDIAGA, NORA. 2006. *El Quijote en Buenos Aires. Lecturas cervantinas en el IV Centenario*. Disponible en: http://cvc.cervantes.es/literatura/cervantistas/cg_2006.htm

LEFEBVRE, HENRY: 2013. *La producción del espacio*. Capitán Swing, Madrid.

MORETTI, FRANCO. 2007. *Graphs, maps, trees. Abstract Models for Literary History*. Verso, London.

PIATTI, BÁRBARA; HURNI, LORENZ. "Towards a european atlas of literature: developing theories, methods, and tools in the field of literary geography". *Institute of Cartography Swiss Federal Institute of Technology (ETH) CH-8093 Zurich, Switzerland*. Disponible en: <http://studylib.net/download/9064744>.

PICALLO, XIMENA Y ARAÚJO, SILVIA. 2013. *Espacio y literatura: cómo se trabaja el espacio en la teoría literaria*. Disponible en: <https://archivond.wordpress.com/2013/07/02/espacioyлит/>.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Amor 9, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 25, 26, 27, 28

Artes 1, 2

Autores 13, 14, 22, 33, 34, 40

C

Capitalismo 33

Carl Gustav Jung 31

Ciencia 1, 2, 30

Colombia 3, 1, 2, 3, 4, 5, 7, 8, 10, 11

Cronotopo 2, 3, 30, 31, 32, 34, 35, 37

D

Don Quijote 30, 31, 34, 35, 36

F

Foucault 27, 32, 35, 37

G

Geoliteratura 2, 30

Geopoética 30, 33, 36

H

Historia 9, 10, 12, 13, 24, 27, 31, 32, 33, 34, 37

I

Ilíada 2, 38, 39, 40, 45, 46

Infância 2

Innovación 1, 2

L

Leitura 2, 39, 47

Letras 1, 2, 19, 38, 46, 47

Lingüística 1, 2, 7

Literatura 2, 4, 6, 7, 9, 10, 12, 13, 14, 15, 17, 20, 22, 23, 25, 26, 27, 33, 34, 35, 36, 37, 39, 47

Literatura clásica 2

Literatura infantil e juvenil 2

M

María de Francia 13, 14, 15, 24

N

Novela 3, 13, 22, 25, 26, 27, 30, 31, 34, 35, 36, 37

P

Personajes 13, 14, 15, 22, 23, 25, 27, 31, 34

Poema 13, 14, 24, 39

Poesía 7, 13, 17, 18, 20, 22

Procesos culturales 5

Producción 33, 37

R

RIA 3

S

Salas 1, 2, 3, 4, 7, 8, 10

T

Tragedia 38, 40, 42, 44, 46

Tristán e Iseo 3, 12, 23, 26, 27

Trovadores 15, 16, 18, 19, 20, 21, 22, 27

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

INNOVACIÓN Y CIENCIA EN

**LINGÜÍSTICA,
LETRAS Y
ARTES**

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

INNOVACIÓN Y CIENCIA EN

**LINGÜÍSTICA,
LETRAS Y
ARTES**